

"Pós-crise" é tema de evento para líderes

João Paulo Freitas

A crise já chegou ao fundo do poço e, agora, tende a melhorar. A afirmação é do ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega. Para ele, a turbulência poderia ter causado o colapso do sistema financeiro, o que foi evitado pela ação dos governos, que sabem que isso representaria o caos e o "retorno ao escambo". Apensar da análise positiva, o economista recomendou cautela e lembrou que os próximos dias podem ser decisivos para a retomada da confiança global. "As autoridades monetárias dos Estados Unidos estão usando a estratégia de deixar algumas informações vazarem, e isso está por trás da recente - e talvez exagerada - euforia dos mercados", observou.

Essa análise foi apresentada na manhã de ontem, em São Paulo, para cerca de 350 presidentes, vice-presidentes e diretores de empresas em evento foi promovido pela empresa de gestão de capital humano Mariaca. Na ocasião, o economista falou sobre os possíveis desdobramentos e impactos da crise mundial sobre a economia brasileira.

Ao comentar as consequências da crise, o ex-ministro citou o livro "O Mundo Pós-Americano", do jornalista norte-americano de origem indiana Fareed Zakaria. A obra não trata do declínio dos Estados Unidos, mas da ascensão econômica e política de outros países. Para Nóbrega, os Estados Unidos, epicentro da turbulência financeira, continuarão hegemônicos por muito tempo. "O que poderá ocorrer uma é relativa perda da distância entre o país e a China, por exemplo. Mas a renda per capita da China dificilmente alcançará a dos Estados Unidos", disse. Para ele, esse fato não é incompatível com a crescente relevância dos chamados países emergentes no cenário mundial, e isso vale especialmente para o Brasil.

Ironizando a "marolinha" do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Nóbrega disse que a crise tem, sim, afetado o País, provocando contração no crédito e afetando o comércio exterior. Tanto que a previsão média do mercado é a de que o PIB ficará estagnado neste ano. Na melhor das hipóteses, o crescimento será mínimo.

O economista lembrou que são mínimas as chances de uma crise bancária no Brasil. "Temos um sistema financeiro sólido e sofisticado", disse, acrescentando estabilidade macroeconômica, câmbio flutuante, controle da inflação e manutenção do superávit primário como ações que contribuiriam por fortalecer a economia local.

Nóbrega observou que ainda há muito a ser feito, mas que pouco pode se esperado do atual governo, cuja principal virtude foi "não ter feito nada", ou melhor, não ter desfeito aquilo que foi implementado pela administração Fernando Henrique Cardoso. Por isso, não é possível esperar avanços adicionais durante a atual Presidência. "Se não avançaram esses anos todos, não é no pouco tempo que resta que farão algo. Isso será uma tarefa dos próximos governos", criticou.

Para o presidente da HSM, Marcos Braga, um dos presentes no evento, os líderes corporativos precisam, mais do que nunca, estar próximos de suas operações "para captar os dados do mercado mais rapidamente". Ao ser indagado sobre qual postura os executivos devem adotar neste momento de incerteza, Nóbrega seguiu um raciocínio similar: "É preciso ficar atendo à evolução dos indicadores para não entrar atrasado no movimento de recuperação. O Brasil hoje é previsível. A época das surpresas acabou. O empresário deve estar bem informado." Segundo Braga, apesar da afirmação muito repetida, é necessário ter em mente que toda crise traz oportunidades. "Há duas atitudes possíveis: a defesa, com redução de pessoal e corte de custos; ou o ataque, que é buscar tomar a dianteira do concorrente", disse.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 8, 9 e 10 maio 2009, Plano Pessoal, p. D7.